

---

## **DAS SEMELHANÇAS E DAS METAFICÇÕES EM O *LIVRO DAS SEMELHANÇAS***

Tamara dos Santos  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Ana Martins Marques<sup>1</sup> é uma poeta bastante comemorada no circuito literário contemporâneo. Desde sua estreia com *A vida submarina* (2009), que ganhou o Prêmio Cidade de Belo Horizonte, tem chamado a atenção da crítica especializada, principalmente pela qualidade estética de seus poemas. Em 2012, ganhou o prêmio da Biblioteca Nacional, pelo livro *A arte das artimanhas*. Neste ano foi recém-publicado seu terceiro livro, *O livro das semelhanças* (2015).

Nele, a autora continua a nos impressionar com poemas cheios de *wit*<sup>2</sup>, que nos convidam a várias leituras. Uma delas é fazer uma leitura metaficcional do livro enquanto objeto a ser lido, nas mãos do leitor, e matéria do livro em que o leitor faz a leitura. Desde os poemas que abrem a obra aparecem brincadeiras com a ambiguidade da linguagem, como no poema “Nome do autor”, em que o eu lírico expressa certo desapontamento: “Impresso/como parece estranho/o mesmo nome/ com que te chamam” (2015, p.14). Este poema nos permite algumas leituras, uma delas no sentido de como fica estranho um nome de autor impresso, pois o nome enquanto palavra gráfica na capa de um livro nomeia o responsável pelos poemas, mas não remete necessariamente ao sujeito autor, já que em ficção os poemas existem a partir da voz do eu ficcional, que é outro diferente do sujeito que existe na realidade empírica; ao mesmo tempo existe certa ambiguidade, pois há realmente um autor por trás das construções presentes na ficção. Outro aspecto importante neste poema

---

<sup>1</sup> Mestra em Literatura Comparada pela UFMG.

<sup>2</sup> Palavra da língua inglesa que significa a habilidade de usar as palavras com bom humor e inteligência, conforme o site Cambridge Dictionaries Online.

é o de como a voz ficcional, a se ver como o sujeito-autoridade de um livro, não se identifica com tal rotulação. Ao mesmo tempo, o poema pode ser visto como uma brincadeira com o próprio nome, ou uma auto-ironia, uma vez que o eu lírico acha estranho o próprio nome impresso, como se parasse para prestar atenção ao seu nome somente a partir do momento em que ele ficou grafado no livro. Essa é uma das graças da poesia da autora, que trabalha na linha das ambivalências.

O livro se divide em quatro partes, a primeira “Livro”, ao qual pertence este primeiro poema, reflete sobre o livro enquanto suporte de leitura. Podemos perceber certa influência de Adília Lopes, poeta portuguesa contemporânea, nos escritos de Ana Martins Marques, tanto em “Não sei fazer poemas sobre gatos”, “Papel de seda”, “Mar”, entre vários outros, e em “Segundo poema”, no qual há um verso que lembra o outro verso do poema “Adormecer” e remete também a uma proposta que parece ser a do livro, que é a de refletir a respeito dos conceitos de autoria e originalidade, como em “Boa ideia para um poema”, no qual o eu lírico já não sabe mais se a ideia para o poema é sua ou se a leu em outro lugar, e se isso interfere na originalidade do poema.

A segunda parte denominada “Cartografias” versa sobre olhares particulares do eu lírico a respeito de mapas e caminhos, como no poema em que o a voz ficcional aponta precisar de ajuda para se encontrar: “Sempre acabo tomando o caminho errado/que falta me faz um mapa/que me levasse pela mão” (2015, p.42). Todos os poemas desta parte dão uma amostra da liricidade da autora, e tematizam sobre questões referentes a amor e cotidiano. Em especial no último poema desta parte, “Abro o mapa na chuva”, há uma demonstração do olhar sensível da autora em relação à poesia. Neste poema, o eu lírico coloca um mapa na chuva, que acaba desbotando e formando um lago em si. Em seguida, quando o sujeito da voz ficcional coloca o mapa para secar ao sol, os insetos e das formigas se deslocam para dentro do mapa, que assim abriga a vida: “mais rápidas do que aviões/ as formigas atravessam/ de um continente a outro/ uma lagarta riscada/ apossou-se das Coreias” (2015, p.45).

Na terceira parte, “Visitas ao Lugar-Comum”, estão os poemas que de alguma maneira tematizam ditados populares da língua portuguesa, como “pagar para ver”, “perder a cabeça”, entre outros, dando um sentido completamente revigorado para estas expressões, preenchendo de poeticidade as expressões no que elas têm de literal, como em “Dobrar a língua/ e ao desdobrá-la/ deixar cair/ uma a uma/ palavras não ditas” (2015, p.51-52).

“O livro das semelhanças”, a quarta parte do livro, apresenta um jogo de palavras que se aproximam umas das outras com semelhanças sintáticas e fonéticas. Outra característica formal é a repetição de palavras que ganham um novo significado em cada uso, o que é uma

característica da poesia contemporânea, no que a autora se assemelha com Fabricio Corsaletti, escritor paulista que utiliza o mesmo recurso em *Esquimó* (2011). Podemos ver estas características nos poemas “Pintores que pintam apenas títulos de quadros” e “É mais difícil esconder um cavalo do que a palavra cavalo”. No poema “É bom lembrar lembranças dos outros”, a autora faz uma despreziosa reflexão sobre o ato de escrita, no qual o eu lírico afirma que é bom utilizar-se de palavras de outros, sejam elas dos amigos, dos livros de botânica, de anúncios “nem que seja só para lembrar/ que só temos palavras de segunda mão” (2015, p.68), o que acaba por retomar a discussão que o livro fomenta sobre a questão da autoria e da originalidade (im)possível, e também tenta ironizar o fato de que o gênero poesia é visto como o portador de palavras de primeira mão e, nesse sentido, não deveria se aproximar da realidade, mas que não há outra maneira de escrever poesia que não seja utilizar as palavras que são usadas por todos. A leitura é definida pelos versos finais do poema que remetem ao ato de escrita como metaficcional, ao apontar para o fato de que a autoria que vai para além do texto e é partilhada com os autores de quem se pega a inspiração, que contribuem na composição do estilo semelhante ao de outras pessoas: “é bom escrever de vez em quando poemas/ com viagens por dentro/ com cidades e memórias de paisagens por dentro/ que pareçam escritos/ por outra pessoa” (2015, p.69).

Como meio expressivo, Ana Martins Marques utiliza-se de recursos da intertextualidade. Em grande parte de seus poemas, sente-se a voz de outro poeta, como Camões (quando ela o parafraseia em “O que já se disse do amor”) ou Fernando Pessoa (Poema não de amor), entre outros exemplos. Isso sugere uma brincadeira com o próprio título *O livro das semelhanças*, que pode ser entendido também sob esta óptica. Algumas das questões centrais que transpassam as quatro partes do livro são a temática amorosa, a tematização do espaço (a cidade, os mapas, as ruas) e reflexões sobre a originalidade da criação artística e as impossibilidades de alcançá-la.

MARQUES, Ana Martins. **O livro das semelhanças**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 112 p.